

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PRIMEIRAS DATAS DE RADIOCARBONO 14 PARA A CULTURA MEGALÍTICA PORTUGUESA.

LEISNER, Vera; FERREIRA, Octávio da Veiga

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

LEISNER, Vera; FERREIRA, Octávio da Veiga, Primeiras datas de radiocarbono 14 para a cultura megalítica portuguesa. *Revista de Guimarães*, 73 (3-4) Jun.-Dez. 1963, p. 358-366.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Primeiras datas de rádio-carbono 14 para a cultura megalítica portuguesa

Por VERA LEISNER
e OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA

No ano de 1961, os signatários deste trabalho escavaram, no sítio da Praia das Mações, um grande monumento funenário composto de uma tholos e uma câmara anexa, esta última ligada à tholos por uma pequena galeria e um átrio com duas câmaras laterais (Fig. 1). O monumento situa-se a 10 quilómetros da Vila de Sintra, à beira-mar, apenas uns 200 m. distante da estação balnearia da Praia das Mações.

Como consta das datas de rádio-carbono 14, este conjunto arquitectónico corresponde a duas fases construtivas, sendo a pequena câmara ocidental 500 anos mais antiga do que a grande tholos. A primeira é totalmente escavada no calcário cenomaniano, com alguns esteios postos de encosto à parede. Em comparação com algumas grutas e sepulturas do Sudeste da Península, nomeadamente a Gruta de los Peregrinos e a sepultura 17 de Los Millares (1), é lícito supôr que o átrio e as suas câmaras anexas pertençam à primeira época arquitectónica. Daquele sector desce-se por um degrau de 0,30 m.

(1) Gratiniano Nieto, «La cueva artificial de la Loma de los Peregrinos. Aguazas (Murcia)», *Ampurias* XXI, pg. 189 e seg. Fig. 1.

G. e V. Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*, Römisch-Germanische Kommission, Band 17. Berlin, 1943, Est. 19, 1. Idem, *Madriider Forschungen*, I, 1, Est. 8, 40.

de altura à câmara ocidental, cujo chão fica 4,50 m. por baixo da orla superior da mamoa (Fig. 7).

Na tholos, a escavação na rocha conserva-se, hoje, até a altura de 1 metro e é rodeada por um muro de alvenaria (Fig. 8). A parte superior da sua construção está destruída; não se exclui a hipótese de o fecho da abóbada ter sido de madeira — talvez a única solução considerando o diâmetro de 6 metros da escavação. Nota-se o buraco no centro, destinado ao assento de um pilar, a obstrução da entrada exterior por blocos e a configuração do portal, recuando em dois escalões, semelhante às entradas da Cueva del Romeral e de várias grutas de Alcaide.

A sepultura foi descoberta no ano de 1927, no decurso de trabalhos agrícolas. Seguiu-se uma escavação parcial, efectuada pelos descobridores, a qual atingiu e destruiu o corredor e parte dos sectores oriental e meridional da tholos. Voltaremos àquela escavação ao tratar dos objectos então encontrados, que foram, em parte, levados pelo médico Dr. Caetano de Oliveira, cuja viúva, Sr.^a D. Maria José de Oliveira, amavelmente permitiu o seu estudo, o que de novo aqui agradecemos. O esboço de uma planta do monumento, feito pelo conservador do Museu Etnológico, mostra que a parte ocidental não foi atingida. O tamanho reduzido dado à tholos é também prova de um reconhecimento apenas parcial (1).

A escavação integral foi iniciada, sob o patrocínio dos Serviços Geológicos de Portugal, no mês de Novembro de 1961 e durara até o fim desse ano. Encontrámos a sepultura completamente escondida na colina coberta de dunas e vegetação de canas. Entramos nela do lado de cima por um buraco visível na câmara ocidental, seguindo com rumo a Leste.

A importância desta escavação reside em dois factos: em primeiro lugar no estado intacto da maior parte dos estratos arqueológicos do monumento e, em segundo lugar, no facto de as datas obtidas pelo rádio-carbono 14 definirem, nas duas câmaras, um horizonte cultural sem superposições posteriores.

(1) «Sepultura pré-histórica da Praia das Maças», por L. S. M. *O Arqueólogo Português*, Vol. XXVII, 1929, pág. 194.

A data atribuída à pequena câmara ocidental é a seguinte:

2210 \pm 110 a. C. (1). A data mais elevada seria
pois, 2320 a. C.

Esta câmara, da qual apresentamos, nas figuras 2 até 4, o espólio completo, continha:

- 84 pontas de seta de base triangular ou de pequeno pedúnculo, na maior parte de tamanho reduzido (Fig. 2, 1-84).
- 5 cabeças postiças de alfinete, de osso, 4 das quais decoradas com sulcos horizontais (Fig. 2, 2,101-105).
- 4 facas sem retoque. (Fig. 2, 86, 89-91) (2).
- 220 pequenas contas discóides, 218 das quais de xisto, 2 de calcário. (Fig. 2, 95).
- 12 placas de xisto com ornamentação geométrica. (Fig. 3, 107-118).
- 2 vasos (Fig. 4, 1 e 2); um deles esférico, de fabrico perfeito, polido; o outro, já muito destruído, de bordo reintrante.

O número das inumações — sentados de cócoras — devia ter correspondido ao das placas de xisto. Encontrámos restos de 7 crânios, a maior parte deles no centro da câmara.

Na suposição de que o sector intermediário e as duas pequenas câmaras laterais tivessem pertencido ao primeiro período da construção, pertencem ainda ao espólio primitivo os vasos n.ºs 3-32 da Fig. 4, entre os quais, além de mais vasos do tipo de bordo reintrante, se nota o do n.º 27, parecido a vasos almerienses. Os mamilos postos sobre a carena lembram vasos alentejanos. O fragmento de um objecto de alabastro, talvez de um pente votivo, provém da câmara lateral meridional (Fig. 2,94).

(1) A análise foi feita no laboratório de Heidelberg. Segundo uma carta do Professor H. Schwabedissen, da Universidade de Colónia, far-se-á ainda uma segunda prova, para confirmar o resultado da primeira.

(2) As facas retocadas e os dois machados, incluídos nas figuras 2 e 3, foram-nos entregues pelo proprietário do terreno, não havendo a certeza do local da sua proveniência (Figs. 2, 85, 87, 92, 93, 119 e 120).

Este espólio pertence, indubitavelmente, ao horizonte da cultura megalítica alentejana. Além do parentesco da cerâmica, encontram-se os mesmos objectos reunidos, por exemplo, nas antas do Olival da Pega, da Capela e da Folha da Amendoeira (1), e não há dúvida que o número de cabeças de alfinete seria maior, se as terras ácidas da decomposição do granito não tivessem destruído, no Alentejo, os objectos de osso (2). A analogia mais característica é o grande número de placas de xisto com decoração geométrica. Embora em parte coberto por material mais recente, a construção destas antas devia caber pelo menos no período da câmara ocidental de Praia das Maças.

Com estas provas a cultura megalítica do País está a ganhar uma posição cronológica consideravelmente mais antiga. Há várias etapas que se colocam antes da fácies acima descrita: talvez já as antas de Pavia, com um aspecto mais primitivo pelo número de machados, e com certeza as de corredor curto com espólio neolítico, no concelho de Reguengos de Monsaraz (3). Este tipo arquitectónico, que também se encontra em outras regiões do Alentejo, é considerado por Manuel Heleno representativo das primeiras antas de corredor curto e mais baixo do que a câmara. Anterior a esta fase coloca-se ainda a série das pequenas sepulturas sem corredor, em parte já de construção acentuadamente megalítica, as quais, conforme informações amavelmente prestadas pelo Professor M. Heleno e umas investigações pessoais sobre os micrólitos provenientes delas, são com certeza do neolítico puro. Consequentemente, a evolução completa da cultura megalítica podia abranger todo o terceiro e talvez o fim do quarto milénio a. C., questão essa à qual voltaremos na comparação das datas portuguesas com as do Sudeste da Península e das culturas oeste-europeas da França.

(1) G. e V. Leisner, *Madridrer Forschungen*, I, 2, Berlim, 1959, Est. 15, 41, 42.

(2) Para a distribuição das cabeças de alfinete na Espanha vid. G. Nieto Gallo, «Colgantes y cabezas de alfiler con decoración acanalada: su distribución en la Península Ibérica», *Archivo de Prehistoria Levantina*, Vol. VIII, Valencia, 1959, 125.

(3) G. e V. Leisner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, 1951, Ests. I-IV.

Neste horizonte incluem-se também algumas grutas naturais e as grutas artificiais mais antigas que apresentam um fundo cultural análogo, embora influenciado pelas correntes culturais provenientes do Oriente e sobreposto pela ocupação posterior da gente do vaso campaniforme. Cabem nele também os monumentos megalíticos da região da foz do Tejo, entre os quais sobressaem os dólmenes de Casainhos, das Conchadas e de Trigache (1), que enriquecem o quadro cultural com mais elementos da mesma época, por exemplo os pequenos ídolos de tipo almeriense, as figurinhas de coelhos, as alabardas de sílex do mesmo tipo que as pontas de seta de base triangular e os grandes semicilindros. Deste conjunto o cilindro encontrado no monumento de Casainhos confirma mais uma vez a data obtida em Praia das Maças. A sua decoração corresponde à das encontradas sobre esteios das «allées coudeées» da Bretanha, datadas entre 2300 e 2100 a. C. (2).

Antes de entrar na comparação destas datas com a das culturas ibéricas e estrangeiras, voltemos à segunda data de rádio-carbono 14, que diz respeito à tholos. É a seguinte:

1700 ± 100 a. C.

A data mais elevada seria pois 1800 a. C.

Começamos por umas breves explicações sobre o estado da sepultura e do seu conteúdo. A camada arqueológica, de cerca de 0,60 m. de espessura, era coberta, nos sectores central e ocidental, por estratos de terra queimada, que julgamos serem testemunho de um incêndio que em tempos posteriores às inumações, tivesse destruído parte da cobertura e o pilar, ambos

(1) A. Ribeiro Ferreira, Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, Tomo XLV, Lisboa, 1961, pág. 297 e seg.

Para o espólio completo do monumento de Casainhos vid. Vera Leisner, *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel. Der Westen*, 3. Lieferung, Taf. 20-25 (no prelo).

(2) O. da Veiga Ferreira, «Manifestações de Arte no mobiliário funerário do Eneolítico de Portugal», *Revista de Guimarães*, Vol. LXXII, N.ºs 3-4, 1962. Est. II, 7.

H. Breuil et M. E. Boyle, «Quelques dolmens ornés du Morbihan», *Préhistoire*, Tome XIII, Paris, 1959, Pl. IX.

de madeira. No buraco, ao centro da câmara, onde o pilar assentava, e em torno dele, existia também terra queimada.

Os numerosos esqueletos, dos quais pudemos identificar mais de oitenta crânios, em posição que demonstrava a inumação de sentados de cócoras, eram acompanhados de um espólio, com excepção da cerâmica, completamente diferente do da câmara ocidental (Fig. 5 e 6). Havia 17 cilindros de calcário, recipientes, placas ornamentadas e mais objectos votivos de pedra, pequenos ídolos cilíndricos e vasos de osso. Faltavam quase por completo objectos de adorno, sobretudo as contas de calaite e as pontas de seta, apresentando-se toda a indústria de sílex probríssima. Tudo isto indica o fim da cultura pré-campaniforme, que já se entrecruza com a do vaso campaniforme.

Na própria tholos, só encontramos cerâmica decorada — com excepção de um pequeno vaso ovóide, de uma taça de bandas horizontais e de fragmentos de um vaso com decoração brunida — na sua entrada, ali e no corredor com uma excepção nas terras já remexidas; os fragmentos campaniformes misturados com os da espécie chamada em Vila Nova de S. Pedro pré-campaniforme. Segundo um testemunho da escavação de 1925, as armas de cobre foram encontradas na parte exterior do corredor. Seria para admitir, que a oclusão com blocos tivesse sido obra dos construtores da tholos. Neste caso, não é de excluir a hipótese de as inumações campaniformes terem sido posteriores, com entrada no corredor pelo lado de cima, o que teria dado, no estrato não remexido, uma estratigrafia vertical.

Como o carvão que diz respeito à data de 1700 a. C. foi recolhido na própria tholos, não incluindo o material do corredor e conseqüentemente as armas de cobre, a posição cronológica do espólio deste sector fica ainda duvidosa e podia pertencer a uma época um pouco mais avançada, de harmonia com a data de rádio-carbono 14 obtida na estação da Penha Verde, na Serra de Sintra, que é de 1600 — 1450 a. C. (1).

(1) G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*. T. XXXIX, Lisboa, 1958.

Para o problema cronológico da cerâmica pré-campaniforme e sobretudo para o seu primeiro aparecimento nos castros da costa atlântica portuguesa, precisam-se — antes de mais discussões — novas datas absolutas.

Uma confirmação da data obtida para a tholos da Praia das Maças foi dada por uma análise de rádio-carbono 14 acabada de chegar do laboratório de Saclay. O carvão analisado foi recolhido por Octávio da Veiga Ferreira na escavação da tholos de A-dos-Tassos, situada na região das minas de cobre do Baixo Alentejo, no concelho de Ourique (1). A sua arquitectura é semelhante à da Praia das Maças, pela parede de alvenaria, o pilar central e o corredor coberto de lajes, das quais havia também restos na Praia das Maças. A data de A-dos-Tassos é a seguinte:

1850 \pm 200 a. C.

Embora um pouco mais antiga, esta sepultura coloca-se também no princípio do segundo milénio. O escasso espólio de facas e fragmentos de cerâmica indica uma posição pré-campaniforme.

Chegámos assim, após estas considerações, à inserção das datas obtidas na Praia das Maças no conjunto das culturas do Sudeste da Península Ibérica e do Oeste da Europa.

A bem conhecida e, até agora, única data comparável da Idade do Cobre na Espanha oriental, é de 2345 \pm 80 a. C. e foi obtida em Los Millares pela análise de um troço de madeira queimada encontrado ao pé do muro do povoado. Segundo a interpretação de E. Sangmeister (2), posta já à discussão por Martín Almagro (3), esta data

(1) A. Viana, Octávio da Veiga Ferreira e Ruy Freire de Andrade, «Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique», *Revista de Guimarães*, LXXI, N.ºs 1-2, Janeiro-Junho 1961.

(2) «Les Civilisations Atlantiques du Néolithique à l'Age du Fer», *Actes du premier Colloque Atlantique. Brest. Rennes 1963*, pág. 20.

(3) Martín Almagro, «La primera fecha absoluta para la cultura de Los Millares a base del carbono 14», *Ampurias XXI*, 1959, pág. 249.

marca o fim do primeiro período da cultura de Los Millares, que teria ocupado uma época de 2700 até 2400 a. C.

Contra tal interpretação desta data levantam-se, em presença das da Praia das Maças, as objecções seguintes:

1) As influências da cultura de Los Millares nas sepulturas megalíticas portuguesas antes citadas, por exemplo na Anta do Olival da Pega, contemporânea do horizonte da câmara ocidental da Praia das Maças, deixam concluir, que naqueles séculos a fase Los Millares I ainda teria existido.

2) As analogias que ligam objectos encontrados na tholos da Praia das Maças à cultura da primeira fase de Los Millares, como por exemplo os vasos de osso ornamentados, não permitem um intervalo de 6 ou mais séculos.

3) O vaso campaniforme aparece em Los Millares já no fim da primeira época do povoado. Embora nos falte ainda uma data do seu primeiro aparecimento na costa portuguesa, não parece admissível uma data tão elevada em Los Millares, tanto mais que a suposição, ainda não confirmada mas discutida, de o vaso campaniforme ter tido uma possibilidade de origem na região do Tejo, exige uma data mais elevada ali do que noutras regiões da Península.

Uma das dificuldades para a solução deste problema reside no facto de, sendo a gente do campaniforme na costa atlântica ibérica, em todos os casos, intrusa em sepulturas já existentes, será difícil obter uma data, que só diga respeito a si própria. Por isso, pomos, no estado actual dos nossos conhecimentos, alguma reserva na aceitação de datas tão elevadas como a de 2500 a. C. para os vasos campaniformes em dólmenes de galeria da Bretanha.

Perante estes factos, estamos de acordo com M. Almagro que rejeita a data de 2400 a. C. como final da época I de Los Millares (1), data que segundo B. Blance

(1) Martín Almagro, «La primera fecha absoluta para la cultura de Los Millares a base del carbono 14», *Ampurias* XXI, Barcelona, 1955, pag. 249.

marca o seu começo (1). Preenchendo, pois, a segunda metade do terceiro milénio, inclui ainda a analogia com o machado votivo de tipo egípcio, datado por G. e V. Leisner do período de cerca de 2150 até 2080 (2). As últimas documentações do horizonte de Los Millares I, como se nos apresentam na tholos de Praia das Maças sob a data de aproximadamente 1700-1800 a. C., demonstram a sobrevivência das noções religiosas daquela época até os primeiros séculos do segundo milénio e exigem uma revisão entre os horizontes I e II de Los Millares, os quais, tal como na Praia das Maças, podiam também no Sudeste entrecruzar-se.

As relações com a cultura de Almeria são mais fáceis de interpretar, baseando-se não só em analogias dispersas, mas num quadro cultural bem definido que apresenta várias afinidades com o espólio da câmara ocidental da Praia das Maças, o que daria às sepulturas almerienses de corredor, da segunda época daquela cultura, uma data mais ou menos correspondente. Destaca-se, entre as analogias com a cultura almeriense, além da cerâmica e da cabeça de alfinete, o ídolo plano, cuja forma ocidental de placa de xisto, fica ligada, na sua representação religiosa, a protótipos almerienses, enquanto que a sua decoração deriva da cultura oeste-europeia, documentada na França pelo Chasséense B. Embora falte uma data absoluta para o seu primeiro aparecimento, este podia caber já na metade do terceiro milénio, conforme a posição cronológica do Chasséense B em França, o aparecimento de ídolos, já no primeiro período da cultura de Almeria, e a posição atribuída por M. Heleno à placa de contorno recortado, no quadro evolutivo das suas escavações.

Abstemo-nos de entrar em comparações com o Oriente. As analogias das culturas ibéricas com as dos países do Mediterrâneo oriental e do Egipto, bem conhecidas e datadas na sua origem, carecem, por enquanto, de datas absolutas em Portugal, quer para definir a sua primeira entrada neste País, quer para reconhecer a sua sobrevivência e evolução na Europa.

(1) Beatrice Blance, «Early Bronze Age Colonists in Iberia», *Antiquity* XXXV, 1961, pág. 100.

(2) G. e V. Leisner, a. a. O. 1943, pag. 587.

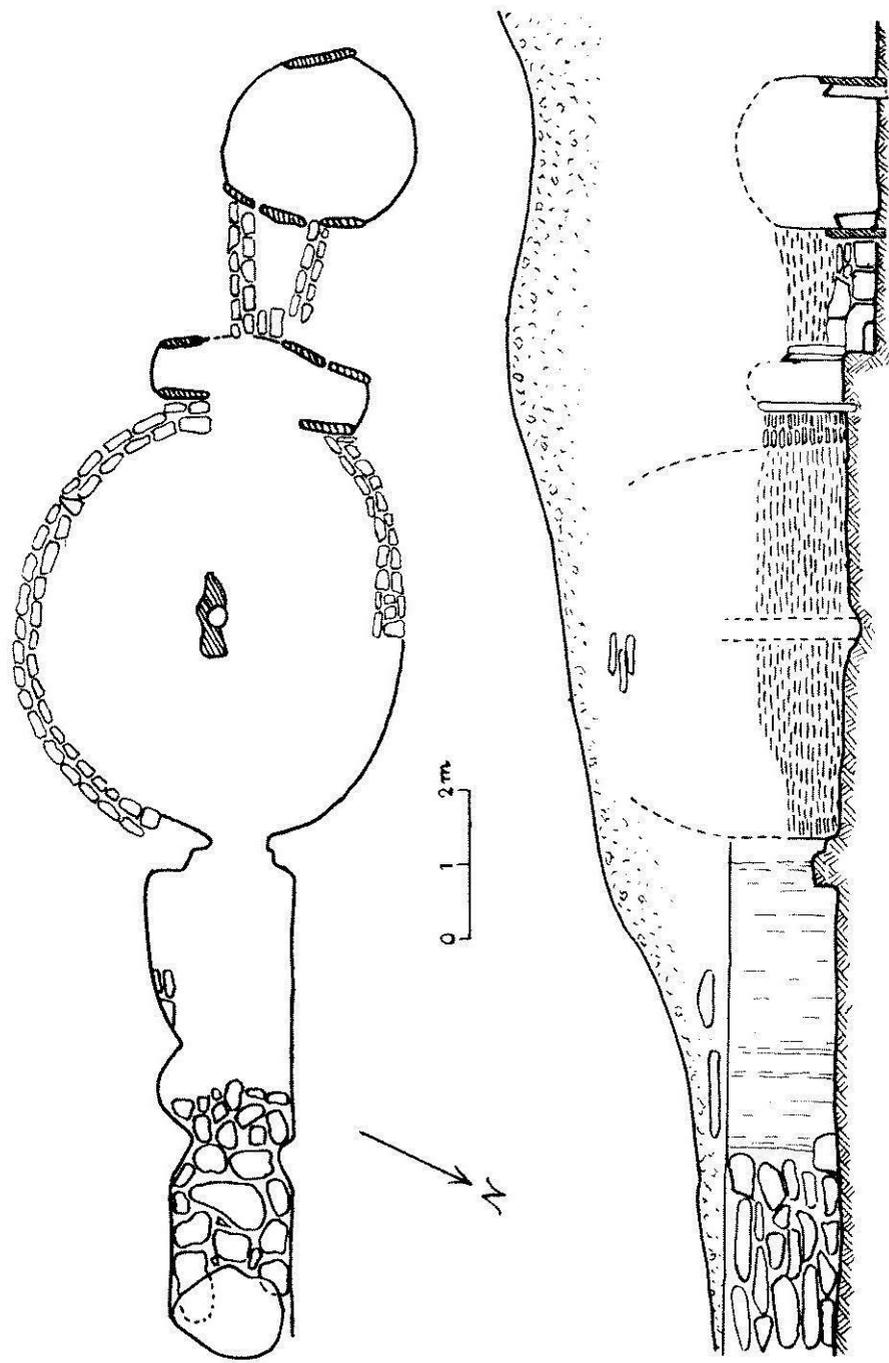


Fig. 1 — Planta e alçado do monumento da Praia das Maçãs.

Escala 1:100

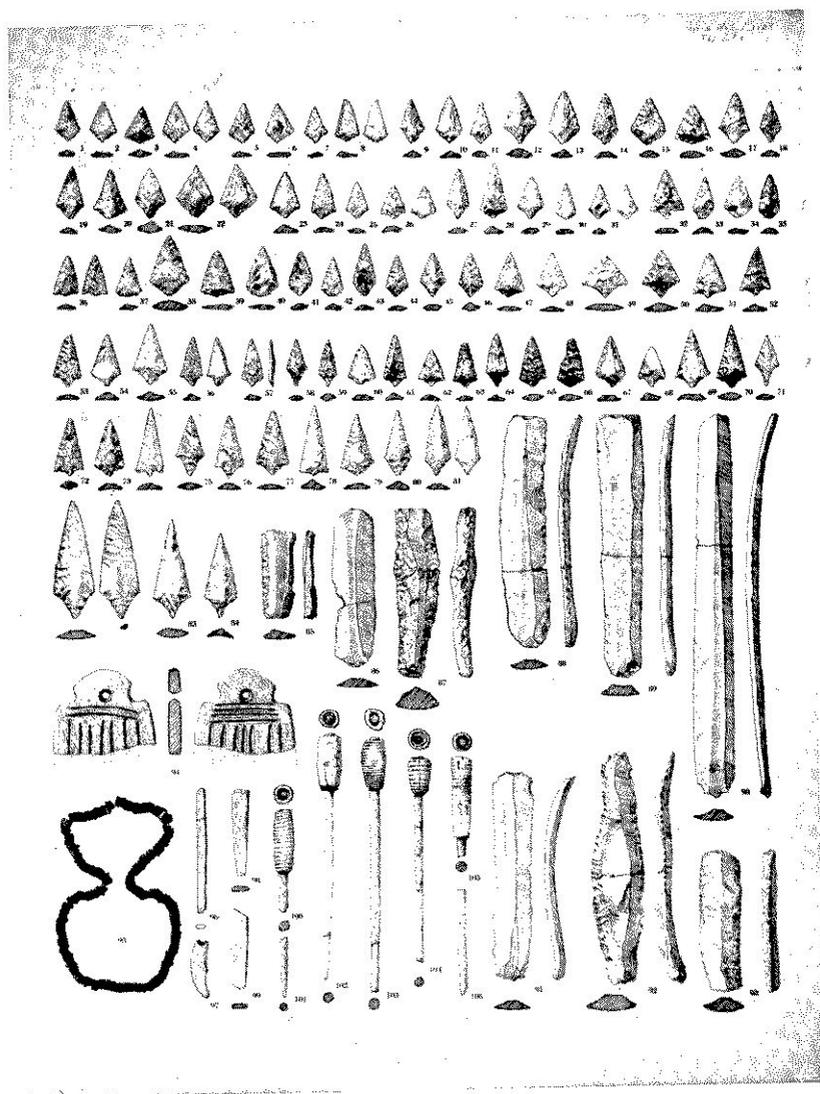


Fig. 2 — Espólio da câmara ocidental da Praia das Maças. Objectos de sílex e osso, pequenas contas discóides. Objecto de alabastro da câmara anexa meridional.

Escala de 1:3 aprox.

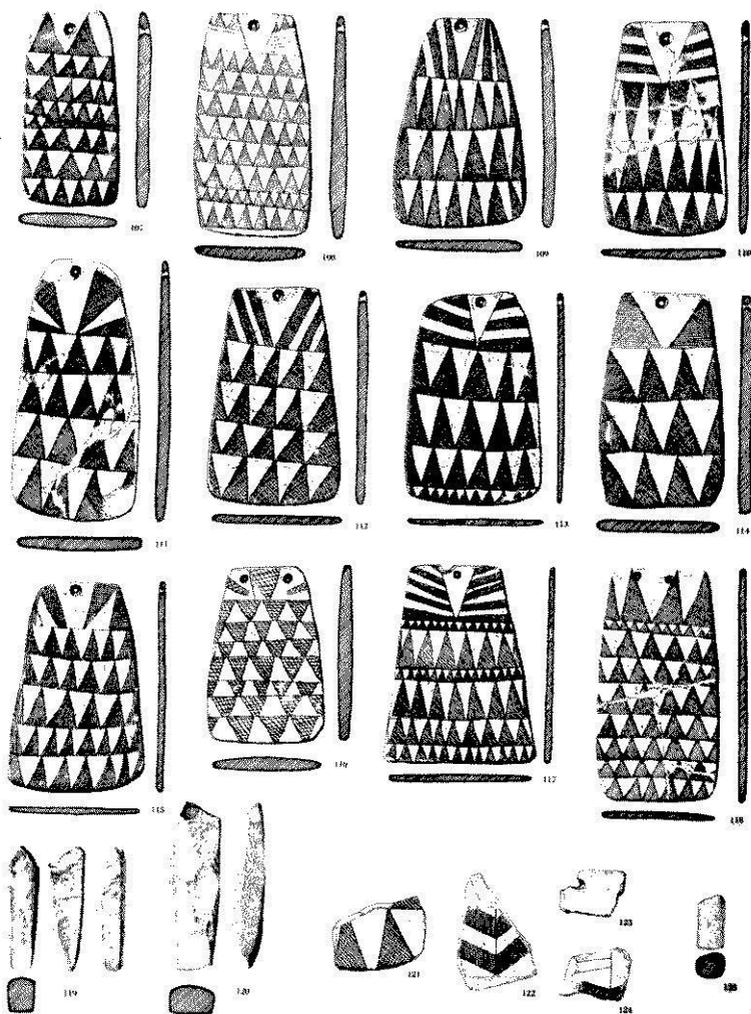


Fig. 3 — Espólio da câmara ocidental da Praia das Maças. Placas de xisto e machados.

Escala 1:5

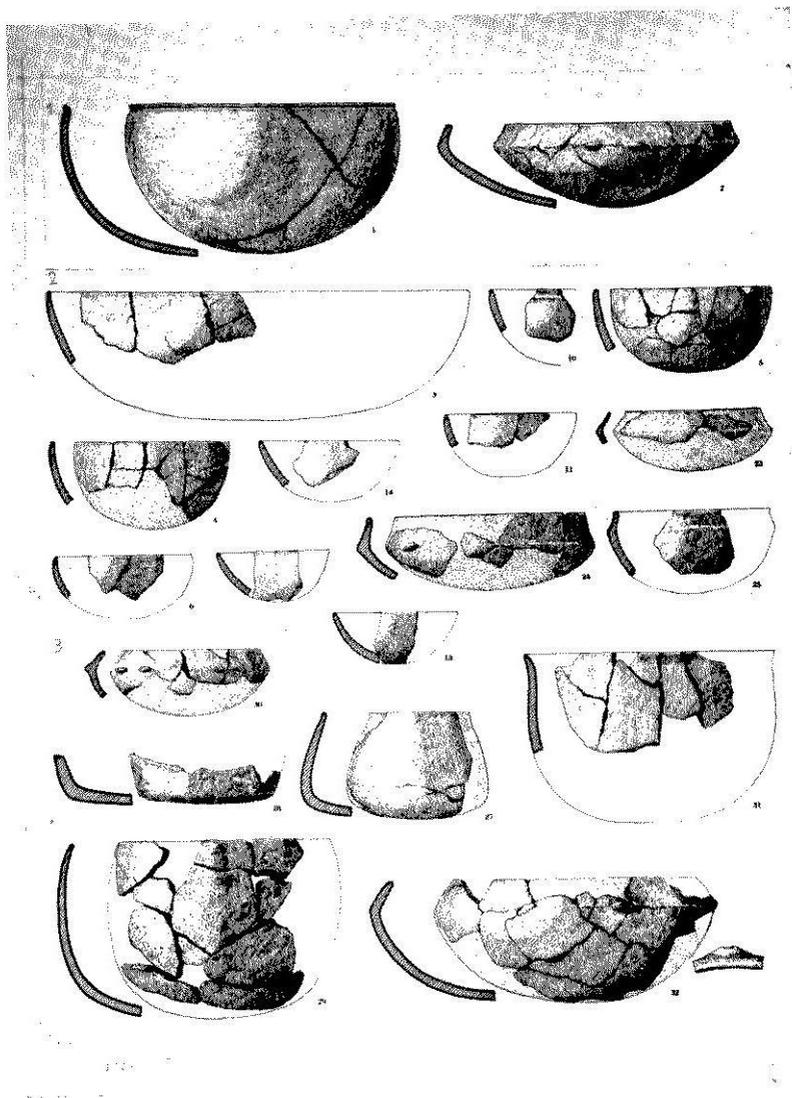


Fig. 4 — Cerâmica da câmara ocidental da Praia das Maçãs (Nos 1 e 2), do átrio e das câmaras anexas.

Escala 1:5



Fig. 5 — Objectos e ídolos de calcário da tholos da Praia das Maças.

Escala de 1:3 aprox.



Fig. 6 — *Diversos objectos da escavação de 1927.*

Escala aprox. de 1:3; placas de xisto 1:5



Fig. 7 — Vista geral do monumento, da orla ocidental da mamoa. No primeiro plano a câmara ocidental e o seu corredor de acesso; no segundo plano o átrio e a câmara lateral meridional; no fundo a tholos.



Fig. 8 — *Vista da tolos da entrada exterior. No fundo a entrada para a câmara ocidental.*